

Santa Sophia, em Constantinopla

Uma das igrejas mais celebres do mundo, é, sem contestação, a de Santa Sophia, em Constantinopla, servindo actualmente de mesquita aos sectarios do islamismo. O plano d'esta igreja servio de modelo para erecção dos mais bellos templos bysantinos, que existem. Fôra primeiro edificada a expensas de Constantino, á gloria de Jesus-Christo; mas foi derrubada por um tremor de terra, e Constancio, filho e successor de Constantino, fez-a reedificar mais bella e mais ampla.

Tendo sido devorada pelas chammas, no imperio de Arcadius, durante uma sedição occasionada pelo exilio de S. Chrisostomo, foi reconstruida e reduzida a cinzas mais duas vezes, uma no imperio de Theodosio, o Joven, e outra sob o imperio de Justiniano, que a fez reedificar mais sumptuosa ainda do que os seus antecessores.

Os alicerces foram assentes, no anno 532 da nossa era e a sagração teve lugar no fim de 537. Assim, S. Vital de Ravenna é quasi contemporaneo de Santa Sophia.

Santa Sophia apresenta, no seu plano, a fórma de uma cruz grega. Esta igreja, que foi imitada á de S. Marcos de Veneza, recebe luz por um zimbório levantado no centro do monumento, e por quatro outros zimbórios, mais pequenos, elevados no cruzeiro. A cupula é espherica e guarnecida de janellas. Os *duomi* de Notre-Dame-des-Fleurs, em Florença, os de S. Pedro, em Roma, e todos os que se tem edificado tanto em Franca como em Italia, tem tido por ponto de partida e primeiro modelo, os de Santa Sophia, mas tem-n'a encarecido muito desde o seculo XVI, e sobretudo na época da renascença, em elegancia, em ornamentação n'este genero de construcção, de alta importancia monumental.

ASHAWERUS

(Continuado de pag. 236)

III

A influencia litteraria do christianismo foi, em verdade, immensa em todos os generos. Já apontámos, em rapido e incompleto esboço, as alterações philosophicas do christianismo, qual o modo porque o dogma se creou e se impoz, quaes os fundamentos principaes da crença, e quaes os limites entre ella e a liberdade de pensar.

Quem houvesse de estudar minuciosamente, e sob todos os seus multiplices aspectos, a acção do christianismo, durante as primeiras edades heroicas, sobre o pensamento humano, compozera uma obra magnifica de grandissimo folego e importancia. Chateaubriand bosquejou apenas, no seu *Genio do Christianismo*, este grandioso thema, e na historia da litteratura não se conta um homem só, que se julgasse com forças, para arcar com estas difficuldades. Todos os historiadores, assim ecclesiasticos como profanos, consagram muitas paginas ao estudo da influencia christã; mas ainda nenhum logrou resolver o problema, nem chameou luz brilhante, que nos mostrasse evidentemente, qual as variações produzidas pelo christianismo sobre o pensamento, qual a somma de elementos, que elle auferisse da *philosophia mystica* das velhas civilisações; qual o genesis da idéa fundamental, da idéa mãe, como ella se espalhou e diffundio, como ao racionalismo primitivo, essencia do christianismo, succedeu o evánghelismo, e a este o dogma, e como, afinal, após longos e formidaveis prelios, em que de um lado estavam os algozes vencidos e do outro as victimas vencedoras, nasceu o estado de equilibrio, resultante das mutuas reacções entre o seculo e a idéa, entre a materia, apenas allumiada pelos frouxos raios de uma *philosophia* sem horisontes, e o espirito,

que, d'esde o principio, era o verbo encarnado em Deus, que pairava por sobre a creação. Pois este longo desabrochar da idéa, que é, no fim de tudo, a historia *ab ovo* do caminhar da humanidade até á consolidação do christianismo evangelico, certo que ha de encontrar-a o genio robusto, que souber percorrer o labyrintho da litteratura sagrada e profana, no cyclo começado por Platão e acabado no cerrar dos dois primeiros seculos da Egreja.

Ha, porém, um genero litterario, muito restricto aliás, que a tradicção entranhou profundamente em todos povos christãos, e que nasceu com a morte de Christo. Esse genero é a lenda religiosa.

Morto Christo, consummado o grande sacrificio com a morte affrontosa e ignominiosa, que redimia o mundo e lhe lavava a mancha do peccado original, começou a crença ao mesmo tempo fecunda e pura, ardente e singela, a attentar n'aquelle terrivel desfecho de um grandissimo drama — o drama da humanidade, a *crisis* violenta, depois da qual o corpo morbido havia de cobrar novas forças e idéas novas.

Perante aquellas imaginações, escassamente feridas ainda pelo raio divino, a morte de Christo, do Deus feito homem, tinha um quê de inexplicavel que os assombrava e espantava.

As lagrimas da Virgem, que, debruçada sobre a cruz, chorava a morte do Filho, os prantos de Maria de Magdalum, a linda peccadora a quem muito foi perdoado pelo muito que amou, Lazaro e Martha, José de Arimathea, os evangelistas e apóstolos, figuras sculpturaes, cheias de fé e unção, todos os personagens d'este drama feriam mais a imaginação do que a rasão dos primeiros crentes humildes e ignorantes, que, gemendo oppressos, posto que resignados, sob o jugo da escravidão, olhavam para o céu e aguardavam impacientes a morte, o instante supremo do livramento, em que a bemaventurança eterna ia começar.

Os que haviam assistido ás peripecias do drama doloroso, cuja ultima scena se passára no Calvario; os que haviam ouvido a palavra dulcissima de Christo e recebido o derradeiro osculo fraterno, o abraço da despedida, contavam, no meio dos ágapes, sob as catacumbas, aos irmãos novicos, os milagres de que tinham sido testemunhas, e para responder ás mil e uma perguntas impacientes, exaggeravam naturalmente, forjavam, no meio do seu innocente fervor, piedosas narrativas, eventos falsos, miudas noticias do intimo viver do Crucificado, da sua genealogia, das suas parabolae; das suas relações com o mundo externo.

Este enrubescer da mystica aurora da litteratura popular do christianismo, é, afinal, a lenda, com todos os atavios com que a enramava e alindava a narrativa dos neophytos, que á porfia iam espalhando, entre os seus pares e vizinhos, a boa nova.

Emquanto os apóstolos, espalhando-se por todo, o orbe conhecido, prégavam o santo verbo e lutavam, pela penna e pela palavra, contra a sociedade, contra as usanças seculares, contra os preconceitos enraizados, contra uma civilização, que se apoiava na força e na auctoridade, e dominava em toda a parte; outros obscuros evangelisadores, com poucas luzes, posto que cheios

de fé amavel e inquebrantavel, iam minando as bases do edificio social, e propagavam, por uma accção de contacto, a religião do christianismo. Mas já esta religião era diversa na forma. Entrava n'ella um outro elemento, que substitua até certo ponto a parte philosophica, com que S. Paulo convencia ou vencera os espiritos superiores do Areopago e dos habitantes effeminados e ilustrados de Epheso, Corintho, Edessa, Antiochia etc. Esse elemento puramente popular, que depois foi abraçado pela litteratura consubstanciada em Eusebio, Lactancio, Sulpicio e outros, é a lenda religiosa, que, logo no principio, dá origem á antiquissima narrativa da *Morte da Virgem* (*De transitu beate Mariæ Virginis*, impresso ultimamente na *Bibliotheca dos Padres*, edição de Paris), aos trinta e nove evangelhos apocryphos, ao *Protevangelho* de Jacob, em que Anna, chorando a sua esterilidade, ergue os olhos, vê nos ramos de um loureiro, que lhe ensombriavam a cabeça, um ninho de passarinhos. Põe-se então a gemer e a chorar e a lastimar se, porque não pôde sentir a ventura e os gosos maternas das avesinhas, que são fecundas perante o Senhor, assim como as aguas e a mesma terra, que tambem possuem a sua fecundidade e louvam ao Creator. Este brando e flebil queixume, que um grande litterato dos nossos dias comparava com os tristes lamentos de *Sakuntala*, mostra quanto a litteratura fôra rejuvenescida pelo christianismo, e como o povo, esse guardião fiel da tradicção, esse adorador convicto de tudo o que é singelo e sublime, e que, nos tempos antigos, era quem somente tinha imaginação, soube crear um genero inteiramente novo e desconhecido.

A singelissima narrativa da morte da Virgem, tão cheia de unção e dos castos e sacratissimos perfumes de um lyrismo incomparavel, é uma das mais formosas lendas religiosas dos primitivos tempos.

«Ora, diz a lenda, eis o que succedeu no vigesimo segundo anno depois da morte de Christo. Maria tinha-se escondido no mais escuso penetral da sua casa, e chorava, aguardando o momento, em que havia de abraçar o seu filho bem amado. Apareceu-lhe um anjo, vestido com as vestes de luz, e poisando ao pé d'ella, diz-lhe: Salve, ó virgem abençoada do ceu, recebe a saudação d'aquelle, que veio salvar os patriarchas e os prophetas. Dos ceus te trago este raminho de palmeira, o qual será deposto na tua tumba, quando, d'aqui a tres dias, largares o mundo, porque o Filho teu espera-te com os Thronos, com os Anjos e com as Virtudes do ceu.

«Rogo-te, disse Maria, que todos os apóstolos possam reunir se, n'esse momento, em torno a mim.

«E o anjo respondeu: Hoje mesmo, pelo poder do Senhor, virão para ti todos os apóstolos por sobre as nuvens.

«Maria retorquiu: Abençoe me, afim de que as potencias do inferno não se me opponham, quando a minha alma sair do corpo, e para que eu não veja o principe das trevas.

«Não te hão de mal fazer as potencias do inferno, tornou-lhe o anjo.

«E isto dizendo, desappareceu no meio de um vasto esplendor, e a palma, que trouxera, esparzia uma grande luz.

«Então Maria, tendo deposto os vestidos, vestiu outros mais lindos, depois saiu levando na mão a palma, que o anjo lhe trouxera, e subiu ao monte das Oliveiras, aonde se poz a resar.

«Meu Deus, disse, indigna seria de haver-te trazido no seio se não houvesse compaixão de mim, e por isso vigiei fielmente sobre o thesouro que me confiaste. Peço-te, pois, ó Rei da gloria, que me protejas contra as potencias malevolas. Se na tua presença tremem ceus e anjos como não tremará esta fragil creatura, que de bom só tem o que lhe deste?»

Assim prosegue a lenda contando como S. João, prégando em Epheso, teve sobrenatural noticia do proximo passamento da Virgem, e correu para ella, por ter sido o apostolo querido a quem, do alto do crucifixo, recommendou Christo a sua dolorida e triste mãe. Todos os apóstolos vieram tambem, e juntos em volta da Virgem, passaram, continúa a lenda, tres dias e tres noites a consolarem-se uns aos outros, pela narrativa das suas fadigas.

«Mas no terceiro dia, na terceira hora, sobre todos os da casa desceu o somno, e ninguem poudo ficar acordado, á excepção dos apóstolos e de tres virgens, fieis companheiras da Mãe de Deus.

«Então o Senhor appareceu no meio de um côro de anjos e seraphins; os anjos cantavam um hymno em gloria do Senhor, e uma brilhante luz resplandecia sobre a casa.

«Neste momento fallou o Senhor Jesus, e disse: Vem, ó minha bem-amada, ó minha perola preciosa; entra no tabernaculo da vida eterna.

«Ao ouvir esta voz lançou-se Maria em terra, adorou o Senhor e exclamou: Bento seja o teu nome, ó Rei da gloria, ó meu Deus, pois que te dignaste escolher a tua humilde serva, entre todas as mulheres, para operar a redempção do genero humano. Eu, lodo e sangue, de tal honra não era digna, mas vieste a mim e eu disse: Seja feita a tua vontade!

«Tendo fallado assim, ergueu-se Maria, deitou-se no leito e rendeu a alma murmurando acções de graças. Durante este tempo, ouviam os apóstolos as fallas, que se fallavam, mas não viam senão a coruscante luz, que rebrilhava e esplandecia, e cuja nivea candura excedia a dos mais brilhantes metaes.

Tal é a lenda da morte da Virgem, da escrava do Senhor, *humillima ancilla Domini*, que, já no ceu, ainda se carteava com S. João, segundo ressam as piedosas chronicas do christianismo.

Quem comparar esta narração tão singela e tão eloquente, tão cheia de união e piedade, de fé e nativa superstição, com as descripções empoladas e artificiosas dos poetas gregos e romanos da decadencia, em que o sentimento do bello, do bom, do justo e do verdadeiro tinham-se extinguido, para logo vê e palpa a poderosissima influencia do christianismo sobre os animos dos povos, cuja expressão é a litteratura espontanea, natural, sem atavios e louçainhas desenxabidas, em que o trabalho do artificio se está delatando a cada passo.

A lenda religiosa atravessou toda a idade-media, allumiou, com o seu suavissimo bruxulear, todo o pensar e crer das épocas de violencia. Os milagres, que feriam o espirito do povo, deram origem a outras tantas lendas, mais ou menos

apocryphas, e ainda hoje a poesia popular é a ligação da lenda religiosa primitiva com as ainda mais primitivas tradições dos mythos pagãos e com a serie de elementos novos, que os seculos foram depondo no seu correr ininterrupto.

As lendas, porém, que nasceram no berço do christianismo e tomaram corpo nas cidades heroicas, são as que mais interessam o historiador, porque é por meio d'ellas que pôde avaliar a immediata acção da nova lei sobre o povo opprimido.

São numerosissimas estas lendas, e todas ou quasi todas se referem ao nascimento, vida e morte do Redemptor.

A lenda de Poncio Pilatos, o cobarde e criminoso proconsul, é um monumento e os temores e visões do algoz, mal desannuveados por Procula, sua mulher, que o convertêra ao christianismo em Vianna, do Delphinado em França, dariam para um drama de Shakpeare. Méry, apesar do seu grande talento e fertil imaginação, estragou tão magnifico thema.

Que esplendido episodio, esse da piedosa mulher que enxugou o rosto de Christo, e andava por todo o mundo mostrando a imagem sangrenta.

E a lenda de José de Arimathéa, que instituiu uma ordem para guardar o copo, em que Christo bebeu na ultima ceia, e que os anjos levaram para o ceu, até que appareceu um virtuoso heroe, o principe de Pesilles, que obrou gentilesas cavalheirosas?

(Continua)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

ALGUMAS CURIOSIDADES HISTORICAS E OUTRAS ACERCA DO COMMERCIO

IX

Il est difficile qu'un pays n'ait des choses superflues, mais c'est la nature du commerce de rendre les choses superflues utiles, et les utiles nécessaires.

Montesquieu, *De l'espr. des lois*, XX 2.

Cette diversité des productions et des facultés productives est le bien qui unit les uns aux autres les habitans d'une même localité, la ville et la campagne, les provinces d'un même Etat, les différents peuples et jusqu'aux points du monde les plus éloignés.

M. Henri Richelot, *Dict. Gén. de la Pol. et. - Commerce*.

Já tivemos occasião de observar, de passagem, que duas condições são indispensaveis para que o commercio floresça: a segurança e a liberdade.

Mais detidamente fallaremos agora d'essas impreteriveis condições, seguindo, pela maior parte, as pisadas de M. M. Henri Richelot, e A. Leymarie. (1) Passaremos logo a apontar as differentes phases systematicas, pelas quaes passou o commercio até que despontou a aurora da liberdade das transacções, da livre troca.

Os trabalhos do homem, diz muito bem um d'aquelles escriptores, os trabalhos do homem, por effeito dos quaes vive e prospéra o commercio, presuppõem uma condição fundamental, a segurança. O commercio só pôde florecer, quando e em quanto cada um, como no tempo de

(1) *Dict. Gén. de la Pol.*, tomo I, vb. *Commerce*; e *Dict. Univ. théor. et prat. du Commerce*, etc., vb. *Commerce*.

Salomão, repousa tranquillo e sem temor na sua vinha e á sombra da sua figureira.

A seguridade do commerciante depende da confiança que a boa ordem no regimen interno da sua patria lhe inspira, e ao mesmo tempo da certeza que tem do poder do Estado nas relações internacionaes.

Os inimigos da segurança do commercio no interior de um paiz são a anarchia e o despotismo, porque, tanto aquella, como este não sabem, não podem respeitar nenhum direito, nem proteger as pessoas e as propriedades.

Fóra da patria, e atravez de paizes estranhos e dos mares, são inimigos da segurança do commercio a guerra, a barbarie, e o cortejo de extorsões, violencias, atrocidades que acompanha aquelles dois flagellos.

Hoje, porém, graças ao systema politico das nações cultas, graças aos progressos da civilização, graças ao aperfeiçoamento do direito internacional, a segurança do commercio é quasi completa: nem as perturbações accidentaes, e cada vez mais raras, destróem a regra geral — feliz e abençoada — d'estes nossos tempos.

O que succedia n'outras eras, segundo o testemunho da historia, offerece realmente á nossa consideração um quadro lastimoso, e apresenta (ainda bem!) um contraste muito saliente com o estado actual das cousas na maior parte das regiões do globo.

Com referencia aos passados tempos, proporciona-nos o citado economista uma bella pagina, que na sua integra reproduzimos:

— Na maior parte dos seculos que já lá vão, constantemente esteve o commercio exposto ás ameaças da guerra e da barbarie, e só a muito custo escapava a perigos mil. Em muitos paizes tomou-o a religião sob o seu patrocínio e resalva: assim, tornou-se peregrino e estabeleceu os seus mercados e bazares junto dos sanctuarios de Méroé, junto das mesquitas da Méca ou dos pagodes de Bénarés. Para se perservar do saque ou da pirateria, recorreu ao expediente das caravanas, das viagens em conserva, das escoltas da força armada. Quando as hordas guerreiras assolavam os continentes, — foram as ilhas, ou alguns pontos fortificados pela natureza, quem dava abrigo ao commercio. Na idade média, ligaram-se entre si as cidades, e sustentaram obstinadas luctas contra os bandoleiros e salteadores, e contra as extorsões do feudalismo.»

— No que respeita á outra condição impreteavel da prosperidade do commercio, a liberdade, tambem a historia, independentemente do que a rasão e a natureza das cousas nos dictam, — tambem a historia confirma o seu benéfico e prodigioso influxo.

A maior parte das maravilhas commerciaes, de que a historia nos dá noticia, são devidas á liberdade, são obra e resultado da benigna e poderosa influencia d'esse genio protector e bemfazejo das associações humanas.

«Foi a liberdade quem, nos tempos antigos, tornou próspera Tyro, Carthago, e as principaes cidades da Grecia; foi ella quem animou, na idade média, as republicas commerciantes da Italia, do mesmo modo que as Communas de Flandres e da Allemanha; foi ella quem, ha dois seculos, deu á Hollanda a sua fortuna extraordinaria; e, finalmente, á liberdade devem o seu

próspero estado commercial as tres grandes potencias commerciantes da nossa época: a Inglaterra, desde 1688; os Estados Unidos, desde 1783; a França, desde 1815.»

Montesquieu, que em uma só phrase sabe muitas vezes compendiar grandes verdades, diz no capitulo V do livro XXI do *Espirito das Leis*: — «O commercio, ora destruido pelos conquistadores, ora estorvado pelos monarchas, percorre a terra, foge dos logares onde é opprimido, descança e repousa nos logares onde o deixam respirar: reina hoje nos pontos em que outr'ora sómente se viam desertos.»

Fixando-nos agora no estado actual das cousas, cumpre ponderar o seguinte.

A Inglaterra, o povo mais habil na industria — no commercio — na navegação, entendeu que as péias impostas pelo systema protector não tinham já que fazer no mundo commercial: n'este sentido operou aquella grande nação muitas e importantes reformas, ás quaes estão ligados os nomes illustres de Huskisson, de Cobden, de sir Robert Peel.

Das reformas operadas pela Inglaterra tomaram nota outras nações, as quaes pouco e pouco as foram adoptando ou estão em caminho de as adoptar.

D'estarte vão desapparecendo as prohibições, e ha todo o cuidado em ir concedendo ao commercio todas as facilidades compatíveis com a segurança dos demais interesses nacionaes. Os Estados Unidos, porém, persistem ainda no systema de protecção aduaneira — a mais pronunciada.

O commercio já não é, como outr'ora, a occupação especial e privativa de um pequeno numero de paizes. Hoje é o commercio exercitado — mais ou menos — por todos os povos, e principalmente pelos da civilização christã: as populações orientaes conservaram se passivas, e o commercio d'ella é explorado pelos occidentaes.

O primeiro papel, no commercio, pertence sem contradicção á Inglaterra; seguem-se os Estados Unidos, a França, Allemanha, etc.

Os principaes centros commerciaes do mundo moderno são Londres, Paris, e New Yorw.

— No periodo moderno da historia do commercio (1492 até aos nossos dias) são caracteristicos os seguintes acontecimentos: descobrimento da America por Christovão Colombo; navegação á India por Vasco da Gama; descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral.

Depois dos portuguezes e dos hespanhóes, entram em scena das conquistas e da colonização os inglezes e os hollandezes.

Reina por muito tempo o systema colonial; mas este, pelo vicio da sua organização, e pelos excessos que o acompanharam, não podia deixar de trazer consigo, mais cedo ou mais tarde, a *emancipação*, que estava na natureza das cousas, e encontrava facil e muito logica explicação no famoso dito de Lord Chatam, embora applicado sómente pelo grande orador ás colonias britannicas: *As colonias britannicas da América do norte não têm sequer o direito de fabricar uma ferradura.*

O regimen colonial transforma-se no regimen mercantil: as páutas e os tratados substituem os exercitos e as armadas. O *Acto de Navegação*, o *Tratado de Methuen*, o *Bloqueio Continental*, são

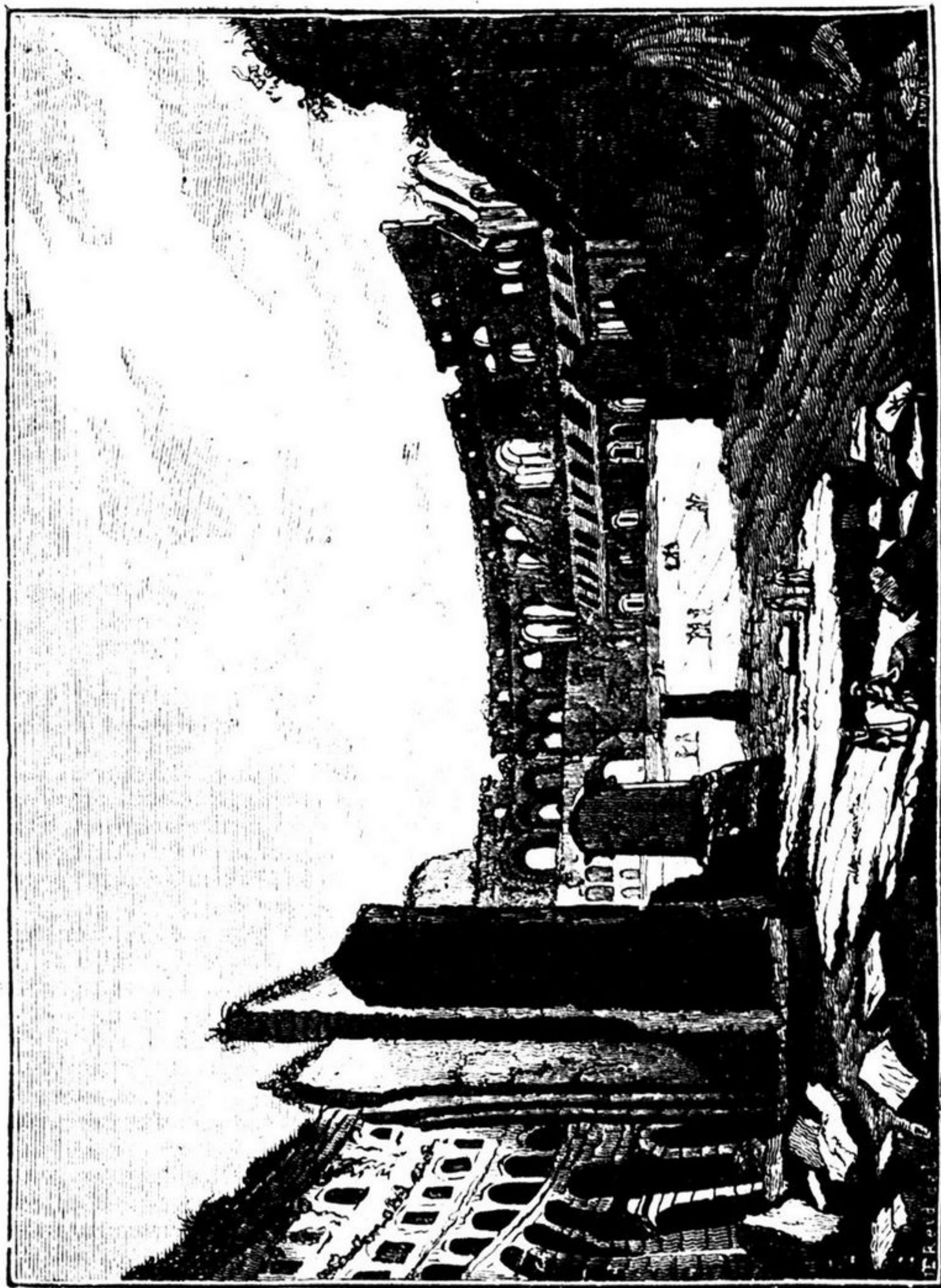
a expressão económica dos governos que tal systema seguiram. *Cada um na sua casa, cada um para si*: tal é devisa commercial desses governos,—devisa, que afinal se converteu em aphorismo politico. Os povos circundam-se, como que de um cordão sanitario, destinado a repellir os productos estrangeiros; esforçando-se cada um d'elles por buscar a solução do problema: *comprar, sem vender, vender, sem comprar!*

Mas a experiencia, ainda que tardia, allumiou os governos e os povos,—e estamos hoje entrados em uma brilhante phase, qual é a da liberdade do commercio. Dado é esperar que essa liber-

dade desenvolva a industria, espalhe a abundancia de productos por toda a parte, una os povos, faça de todos elles uma só familia, e estabeleça um razoavel equilibrio—entre as faltas que existem n'um dado ponto, e o superfluo que foi creado em outro.

Adam Smith, João Baptista Say, Peel, Cobden, e tantos outros grandes economistas e homens d'Estado, que fôra longo enumerar, são os eloquentes prégadores da santa cruzada, que já hoje está fructificando, e esperanças faz nascer de mais alentado progresso.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.



O Colyseu em Roma

O COLYSEO EM ROMA

Entre as ruinas celebres, que se encontram a cada passo em Roma, a mais vasta, a mais importante, é sem contestação o Colyseu, esse amphitheatro de Vespasiano, que está de pé ha

perto de dezoito seculos. Suppõe-se que o Colyseu tira o seu nome de *Colosseum*, ou fosse por causa da massa das edificações, ou por causa de uma estatua colossal de Nero, que existia outr'ora proximo do seu recinto.

Este lagor celebre era, no reinado de Nero,

um logar artificial, fechado pelos muros do palacio doirado d'este tyranno. Foi n'este local, depois de desseccarem o lago, que o imperador Vespasiano fez construir o Colyseo dando-lhe o seu nome. Foi continuado por seu filho Tito, empregando para a construcção do amphitheatro os judeus captivos no assedio de Jerusalem. Alguns auctores asseguram que trabalharam quinze mil homens n'este edificio, durante dez annos, o que faria suppor que só foi concluido no reinado de Domiciano, que foi imperador no anno 81 de J. C.

Ainda que sinta prazer ao ver estas ruinas tão imponentes, o philantropo não póde contemplar o Colyseo sem se recordar com tristeza das scenas sanguinolentas e dos jogos crueis de que foi theatro. A sua inauguração, segundo Eutrope, cinco mil animaes ferozes foram massacrados aos applausos de inumeros espectadores. Muitos gladiadores ali disputaram a vida contra as feras, e em diferentes épocas o sangue dos christãos manchou o terreno. Apesar dos editos dos imperadores Constantino e Honorio, que quizeram pôr termo aos combates dos gladiadores e das feras, só no seculo V foram inteiramente abolidos estes crueis espectaculos.

Um dos vicios dos mais inexplicaveis da natureza humana, vicio que não parece compativel com a razão e a reflexão, a crueldade, era uma honra entre os romanos, ainda mesmo nos mais bellos tempos da republica. Contemplavam com delicia centenas de animaes selvagens e furiosos que se rasgavam entre si, ou que devoravam as victimas humanas, que lhes lançavam, tendo egualmente grande prazer em ver combater os gladiadores contra as feras.

Os chefes davam por desculpa da sua monstruosa indulgencia, dizendo que, familiarizando os romanos com a dôr e a morte, faziam mais bravos os soldados. Mas a deshumanidade está longe da verdadeira bravura, e sabe-se que, os imperadores que mostraram muito gosto por estes espectaculos, foram ao mesmo tempo os mais cobardes.

Quando no reinado de Honorio (409) os Goths, conduzidos por Alaric, pilharam a cidade de Roma, apoderaram-se de estatuas e de outros ornamentos do Colyseo, e estabeleceram um mercado no interior. Presume-se que os diversos buracos que se vêem entre as pedras, foram praticados para metter os barrotes que sustinham os toldos dos logares dos vendedores.

Em 1332, teve logar no Colyseo uma celebre corrida de touros, no gosto hespanhol, a que assistiram as damas romanas, em palanques, e as duas poderosas familias dos Colonna, e dos Ursini. O combate foi sanguinolento e mais de um campeão ficou morto no campo da batalha.

No mesmo seculo, algumas das principaes familias de Roma obtiveram a permissão de tirar pedras do Colyseo como de uma pedreira; mas o papa Eugenio IV reprimio este abuso, e fez murar o Colyseo. Fallando a protecção d'este papa o Colyseo foi novamente assaltado pelos principes romanos, particularmente dos Barberini, e as pedras d'este bello monumento serviram de material para os seus palacios. Diz-se tambem que Miguel Angelo d'ali tirou pedra quando construiu o palacio Farnesi. Benedicto IV, eleito papa em 1747, pôz termo a estas expolia-

ções, e desde muitos annos procurou reparar n'este velho edificio as injurias do tempo e as das mãos dos homens, conservando-lhe, quanto possivel, o seu character de antiguidade.

O Colyseo, quando estava completo, devia apresentar á vista a massa a mais imponente, por sua immensidade, e pela harmonia e simplicidade do seu conjuncto. Ainda hoje, as galerias, as arcadas e os bancos, que estão em ruinas, é um objecto de admiração.

O circuito exterior é de pedras reunidas juntas por grampos de ferro sem cimento; é dividido em setenta e dois arcos abrindo-se sobre um corredor, onde se encontram setenta e duas passagens e escadas, que conduzem ás differentes partes do edificio.

O Colyseo tinha a fórma d'uma ellipse, cujo mais longo diametro tinha pouco mais ou menos quinhentos e setenta pés, e o mais curto quatrocentos e setenta; o diametro mais extenso da arena era, approximadamente, de uns duzentos e setenta pés, e o mais curto de cento e sessenta, deixando para os bancos e galerias um largo circuito de cento e quarenta e quatro. A circumferencia do edificio, quando estava completo, tinha mil seiscientos e vinte pés, e cubria uma area de duzentos e vinte e seis pés, pouco mais ou menos.

Os restos de amphitheatros os mais celebres são em Veneza, em Nime, Avignon, Pola, Istrie e Pæstum, mas o Colyseo de Roma é o mais antigo como tambem o mais vasto e mais bello.

O PRINCIPE EUGENIO DE BEAUHARNAIS

e as memorias que lhe são relativas.

... *ab auditione mala non timebit.*

Ps. CXI 7.

V

Somos chegados a um dos mais graves acontecimentos da Expedição do Egypto, — o cerco de S. João d'Acre.

Não refere o Principe Eugenio a historia d'esse episodio militar da campanha do Egypto; mas aponta algumas particularidades curiosas, que, ou lhe são pessoas, ou interessam á historia em geral. Demorar-nos-hemos com o Principe em expôr essas particularidades.

Depois da tomada de Jaffa, proseguio o exercito francez na sua marcha para S. João d'Acre, e no dia 27 de Março de 1799 chegou ás visinhanças d'aquella praça de guerra.

Na véspera tinha Eugenio sido encarregado de fazer um reconhecimento sobre Caiffa, em companhia de quatro caçadores a cavallo, a fim de averiguar se a povoação estava occupada e defendida pelo inimigo. A uma certa distancia vio nas muralhas uma grande multidão, sem com tudo distinguir se era gente armada; aproximou-se, e logo a multidão se retirou. Penetrando na povoação, atravessou com os seus quatro caçadores a todo galope as ruas em direitura ao porto, precisamente na occasião em que uma chalupa ingleza se hia afastando da praia, levando um official de distincção. Atiraram alguns tiros sobre a chalupa, e outros tantos receberam da gente que ia n'ella; mas nem uns nem outros acertaram. Eugenio soube mais tarde que o official superior, que estava na chalupa, era nada menos do

que o commodoro Sidney—Smith, commandante das forças navâes inglezas n'aquellas paragens.

O cêrco de S. João d'Acre tornou-se memoravel pela vigorosa e tenaz resistencia da guarnição. O exercito francez estêve defronte d'aquella praça por espaço de sessenta e quatro dias,—no cabo das quaes resolveu o general Bonaparte levantar o mallogrado cêrco, para vir acudir ao Egypto. Foi na noute de 21 de maio que se ceptou a retirada.

No decurso dos sessenta e quatro dias, todos os officiaes fizeram constantemente o mais activo e arriscado serviço. Eugenio foi ferido por um estilhaço de bomba, logo no primeiro assalto que se deu á praça, e só no fim de 19 dias pôde restabelecer-se. Mais infeliz foi Duroc, pois que, sendo ferido de um estilhaço de obuz, não pôde mais servir durante todo o cêrco.

Eugenio já estava restabelecido quando se deu o segundo assalto—tão infructuoso e mortifero como o primeiro. Em uma palavra, o cêrco de S. João d'Acre deixou a Eugenio a recordação dos serviços mais activos que lhe coube fazer como simples official em toda a sua carreira militar.

As seguintes particularidades do cêrco inspiram bastante curiosidade,—e creio que não será desagradavel aos leitores que aqui as registemos.

Antes de ordenar o primeiro assalto, estêve Bonaparte examinando a brécha com o general Dommartin e o capitão Mailly de Château-Reinaud—que havia de marchar á frente da primeira columna. O general de artilheria, que desejava poupar munições, instava apertadamente para que se desse o assalto, sustentando que a brécha estava já praticavel. Differentemente opinava o Capitão Mailly. Deu esta divergencia de pareceres occasião a que entre os dois contendedores se trocassem algumas palavras de azedume, tanto mais sensiveis ao capitão pela circumstancia de ser o primeiro que havia de subir á escalada. Felizmente a bravura de Mailly, conhecida geralmente do exercito, punha-o ao abrigo de qualquer suspeita injuriosa. Tinha razão o capitão: a brécha não era praticavel. Falhou o assalto; Mailly foi um dos primeiros feridos; lá ficou no fôssco, e de noute viêram os turcos cortar-lhe a cabeça. Fatal coincidência! exactamente no mesmo dia experimentava a mesma sorte, com os christãos que estavam em S. João d'Acre, o irmão mais novo de Mailly, prisioneiro de Djezzar-Pacha!

O seguinte episodio tem muito de tocante, e ainda agora excita uma profunda mágoa. Vou referir-o pelas proprias palavras de Eugenio, que aliás perdem a força na minha pallida traducção!

—Prevendo o general Bonaparte, ao deixar a França, a necessidade que havia de experimentar de um *vixeiro* de officiaes môços de instrucção, trouxe consigo muitos alumnos da Eschola Polytechnica e engenharia. Dois d'esses môços, de si muito interessantes, que no discurso da campanha haviam sido collocados no serviço de engenheiros, enlaçaram-se com os vinculos da mais estreita amisade. Estando um d'elles na trincheira, pediu ao seu amigo que o substituísse; e tanto menos de escrúpulo havia n'esse pedido, quanto o inimigo, desde muitos dias, não nos deixava um instante de folga. O amigo accêta a proposta; mas, fazendo logo o inimigo uma sortida, é morto o infeliz substituto!... Ao receber a amargurada nova, o seu camarada, soffreu um tão

violento accesso de desesperação, que foi necessario transportarem-no logo para a sua barraca, e pôr-lhe sentinellas á vista. Durante a noute, porém, illudindo a vigilancia dos guardas, sahe da barraca, busca e descobre o logar onde fôra enterrado o seu amigo. Alli, sem outro instrumento mais do que as mãos e as unhas, chega a desenterrar o inanimado corpo, abraça-o com transporta, e pede-lhe perdão de haver causado a morte a um amigo tão querido... Este magoado espectáculo enterneceu todo o exercito que o presenciava. =

O ruim exito dos frequentes assaltos á praça de guerra tinham desgostado vivamente os soldados, e como que desanimado, não obstante serem por extremo bravos e resolutos. O general em chefe quiz tentar um novo esforço; fez tocar a marcha, que no exercito da Italia estivera em uso para chamar os hemens de boa vontade—á hora em que se tentava effectuar alguma expedição arriscada. Súbito se apresentam tresentos homens, electrisados pelo som d'aquella marcha, que pela primeira vez se ouvia no Egypto. O general os mandou reunir defronte da sua barraca, poucas horas antes do assalto; dirigio-lhes uma allocução enérgica e calorosa, como elle sabia fazel-as: e os tresentos valentes juraram morrer ou tomar a praça... Deu-se o assalto; a praça não foi tomada; mas nenhum d'aquelles bravos soldados tornou mais a apparecer!...

Implacavel guerra! Quando meditarão os homens attentamente sobre os horrores que a acompanham!... A desanimação das tropas francezas não provinha sómente da inutilidade dos assaltos, do mallogro de tentativas mil desesperadas... Um espectáculo ainda mais aterrador fazia succumbir os mais animosos!... A peste começara a fazer estragos no exercito; e a tal ponto já recrudescendo, que os hospitaes não tardaram em ficar atulhados, e occasião houve, em que os doentes, maiormente os officiaes, jaziam nas mesmas barracas em que estavam os seus camaradas sãos!

Foi por este tempo que surgiu entre o general em chefe e o general Kleber a inimidade, que alguns explicaram pelo ciúme de Bonaparte,—mas que Eugenio, em abono da verdade—tal como a sentia, explica de outro modo.

Existia, e durou por muito tempo uma notavel rivalidade entre os officiaes do exercito do Rheno e os do exercito da Italia. Se aquelle sentimento não transpusesse os limites da emulação, fonte poderia elle ser de brilhantes feitos, e de gloriosos resultados para o exercito francez; mas não succedeu assim; converteu-se em odio, e em vil ciúme, maiormente em alguns officiaes de character menos nobre. Tinham vindo do exercito do Rheno Desaix e Kleber, precedidos de uma bella e bem merecida reputação militar. Fôram diversas as impressões que um e outro produziram no exercito do Egypto,—a maior parte do qual se compunha dos militares que haviam feito as campanhas da Italia. Desaix agradou, e inspirou affeição geral, porque era bom, singelo, justo e inacessivel a paixões pequeninas; Kleber, pelo contrario, grosseiro nas fallas, enredador, critico malédico, que a ninguem poupava, desagradou a toda a gente, e creou muitos inimigos. Pessoas havia que se occupavam de ir referir ao general Bonaparte os ditos de Kleber contra elle,

e as censuras que de continuo fazia contra as suas operações militares; mas, o que era ainda mais grave, envenenavam tudo quanto iam contar. Do numero d'aquelles mexeriqueiros era Junot, o qual, de ajudante de campo do general em chefe passára a ser general de brigada, e estava então empregado na divisão Kleber.

Refere Eugenio que por vezes fôra testemunha dos mexericos de Junot, e do ardor com que este diligenciava azedar o ressentimento do general Bonaparte, como depois tambem fez Murat a respeito de Moreau.

O facto, na sua maior simplicidade, reduzia-se a que o general Kleber, impacientado, como todo o exercito, da delonga e inutilidade do cerco, disse um dia, que não atinava com a razão por que obstinadamente se insi-tia em tal cerco. — e que elle, se fosse general em chefe, já o teria levantado. Alguem, que estava presente ponderou que na continuação do cerco, em ordem a tomar-se a praça, estava empenhada a gloria de Bonaparte; ao que acudiu Kleber, dizendo: *Ora a Deus! vem a ser o mesmo que n'um bello vestido uma nódoa de poeira; limpa-se com um piparote!* (1)

Este dicto, que em ultima analyse era muito honroso para o general em chefe, foi desfigurado e envenenado, do mesmo modo que outros, nos mexericos que lhe levavam: de sorte que a final conseguiu se indispor-lo fortemente contra Kleber.

Mexeriqueiros vis e infames! Em toda a parte, em todos os tempos haveis sido a peste da sociedade!

Eugenio é n'esta conjunctura mui nobremente imparcial, e colloca tudo nos verdadeiros termos. Não pôde dizer-se que Bonaparte tivesse ciúmes de Kleber; o posto que tinha no exercito e a alta reputação de que gosava, não permitem pensar sequer em tal ciúme; mais natural é attribuir esse ciúme a Kleber, que se sentia offuscado por um general mais moço elevado a grande altura. — Por outro lado, exige a justiça que se diga ter Kleber boas razões para criticar o cerco de S. João d'Acre, emprehendido com bastante leveza, e sem primeiramente se reunirem os meios necessarios para lhe dar vigoroso impulso. E com effeito, nem a engenharia, nem a artilheria estavam ao nivel das exigências do cerco; de sorte que a bravura e os talentos dos officiaes das duas armas eram inteiramente estéreis. A tal ponto faltavam as munições das peças de artilheria, que era preciso aproveitar as balas que os navios inglezes atiravam para a praia, pagando-as por bom preço a soldados que iam collocar-se em frente d'aquelles navios, para atrahirem o fogo d'esses mesmos navios...

—Parêmos aqui por hoje. No artigo immediato verêmos levantar o cerco de S. João d'Acre, e occasião terêmos de apontar muitas scenas amarguradas que se seguiram á retirada do exercito francez.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

STIRLING

(Continuado de pag. 272)

Se a batalha de Bannockburn é o acontecimento mais glorioso da realza escosseza de que esta cidade foi testemunha, ante os seus muros

(1) «Bah! bah! (re: rit Kleber avec son accent allemand) c'est un bel habit sur le quel il y a une tache de poussière: avec une chiquenaude on la fait partir»

teve lugar um outro acontecimento mais tragico ainda, porque os loiros da victoria não fazem esquecer o sangue que ali se derramou, e um dos factos que, pôde dizer se, deslustrou a historia d'um monarcha. Foi no castello de Stirling que Jacques II, denominado o Cara-de-fogo, por causa da grande mancha vermelha que lhe cobria a rosto, apunhalou com a sua propria mão, em 1452, Archibaldo, conde de Douglas. Este Henrique de Guise da Escossia, altivo por sua nobreza e pelo seu poder, fizera-se rival insolente do rei. Apesar d'isto chegou a ver-se investido na dignidade de tenente-general do reino; mas a sua elevação, e ao mesmo tempo o seu humor inquieto e feroz, inspiravam á corôa bem fundados receios. Aconselhado por Livingston, antigo regente do reino, e por sir Patrick Gray, queria vingar no conde o assassinato do infortunado Maclellan, do qual elle tinha sido o auctor, Jacques armou-lhe um laço convidando-o a apresentar-se em Stirling. Douglas desprezou todas as prevenções e suspeitas de que procuraram convencel-o sobre o motivo d'esta recepção e confiou na boa fé do seu monarcha e apresentou-se-lhe. O monarcha recebeu-o e em seguida cravou-lhe um punhal no peito! Tal era o horror que inspirava o conde, que recusaram sepultura ao seu cadaver, e, não ha muitos annos ainda, que no jardim do castello, aonde o crime foi commettido, se achavam dispersos os restos d'este illustre traidor a quem o seu rei deslealmente tinha servido de algoz.

Jacques V fez, como os seus predecessores, residencia em Stirling, e entretinha-se, disfarçado em camponez, a passeiar nos contornos e a interrogar os seus subditos, rebuçado com o nome de Goodman de Ballochgeich, nome tomado de uma parte da montanha sobre a qual se eleva o castello.

Jacques VI foi baptisado em Stirling e ali fez igualmente a sua residencia. É a este monarcha que se devem os principaes embellasamentos da cidade, que tambem não tem deixado de ser o theatro das guerras que tem assolado a Escossia por espaço d'um seculo.

Como decaído do seu antigo esplendor esta primeira capital da Caledonia! Os seus palacios, que recordam a sua passada magnificencia, estão desertos ou arruinados, e vê-se o camponez babitar casas com tetos doirados, e converter em estufas ou curraes sallas de bailes e de festins, ainda ornadas de baixos-relevos e de pinturas. O castello, de que os condes de Marz da casa dos Areskins, são os guardas hereditarios, está em ruina, conservando-se apenas uma casa que serve de aposento ao commandante da praça. «Vê-se ainda, disse Mr. Faujas de Saint-Fondes na sua viagem á Escossia, a camara do Parlamento, que tem cento e vinte pés inglezes de comprimento, mas está arruinada. As portas de madeira de carvalho estão cobertas de inscrições e de esculpturas. Notam-se ainda perto do castello baixos-relevos e estatuas que recordam o estylo egypcio, o que fazia quasi suppor que os Phenicios, que iam até a Cornouaille procurar o estanho, levaram talvez até á foz do Forth as suas navegações aventurosas. Isto prova que Stirling não é agora mais que o esqueleto bem descarnado da Stirling dos Bruces e dos Stuarts.